



## **Quintais agroecológicos da vila caiçara de São Gonçalo e São Gonçalinho**

DA CRUZ, Ísis Ayres<sup>1</sup> ; AYRES, Aparecida Rosa<sup>2</sup>;  
Fórum de Comunidades Tradicionais de Paraty, Angra e Ubatuba <sup>1</sup>, isisayrescruz@gmail.com;  
Coletivo de Turismo de Base Comunitária de São Gonçalo <sup>2</sup>, cidalindaparaty@gmail.com

### **RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR**

**Eixo Temático: Ancestralidade, terra e território.**

#### **Apresentação e Contextualização da experiência**

O relato de experiência popular Quintais Agroecológicos da Vila Caiçara de São Gonçalo e São Gonçalinho foi desenvolvido na Comunidade Tradicional Caiçara de São localizado na cidade de Paraty, região sul fluminense do Estado do Rio de Janeiro. Os quintais se iniciaram como uma prática comum das famílias da comunidade que habitam aquelas áreas há gerações e hoje relato a manutenção da prática realizada por minha família, família Ayres, e seus desdobramentos a partir da retomada de território, nos últimos 17 anos, no processo de luta pela construção da Vila Caiçara de São Gonçalo e São Gonçalinho na contemporaneidade.

A comunidade, como diversas outras da mesma região, sofreu com o violento processo de especulação imobiliária e construção da BR-101 durante a década de 70, período da Ditadura Empresarial-militar no país, que “cortaram” a comunidade ao meio na construção da rodovia. Com a brusca alteração da densidade demográfica e espacial, a maior cobertura de áreas de casas da comunidade que se concentravam ao longo da praia foi alterada a partir da década de 70, dentre as famílias expulsas violentamente incluía-se minha família materna. Esse relato foi registrado a partir da presença de ações de tradicionais remanescentes caiçaras de São Gonçalo e São Gonçalinho de minha linhagem materna em seu território próximo a praia, presença que também pode ser vista nas áreas arbóreas que separam a Rodovia Rio Santos entre os Km 543 a Km 547 e o Mareatório. As configurações da paisagem alteraram-se e formaram-se barreiras para práticas tradicionais, mas a presença dos comunitários, símbolo de resistência, sempre esteve inserida na paisagem, cerca de 23 famílias ocupam e o utilizam como ferramenta de geração de renda, números que se somam às demais famílias que habitam a comunidade que fazem desse território o espaço de manutenção da cultura, com práticas de pesca, de mariscar, o fazer e o ensinar a seus descendentes no processo de interação com o meio. A observação do relato se estende a partir de práticas agroecológicas praticadas na atualidade por Caiçaras Remanescentes de São Gonçalo e São Gonçalinho.

#### **Desenvolvimento da experiência**

As Comunidades Caiçaras foram formadas a partir da miscigenação de povos indígenas, europeus e povos escravizados durante o período colonial, construindo assim sua cultura ligada a práticas como a pesca artesanal, agricultura e extrativismo.



A comunidade tradicional Caiçara de São Gonçalo e São Gonçalinho como muitas outras da região também passou pelo processo de grandes conflitos fundiários como grilagem de terras e expulsão de comunitários que ocasionou em um processo de êxodo. A migração das famílias as levou a ocupar outros espaços da comunidade e da cidade, famílias migraram para o que hoje são as periferias da cidade e, como a minha família materna, migraram para a parte mais alta da comunidade, que chamamos de sertão, comumente as áreas onde os moradores tinham suas roças. As áreas que hoje performam uma paisagem pintada como “virgem” foram os quintais, as casas e “berços” de cordões umbilicais de muitos comunitários tradicionais que ali nasceram e a partir do violento processo de especulação imobiliária foram intimidados e expulsos.

Apesar do processo de tentativa de distanciamento da comunidade de seus territórios, espaços vivos e que carregam suas memórias coletivas, a presença da comunidade pode ser vistas na resistência dos pescadores que alimentaram suas famílias com pescado por anos apesar das cercas que foram colocadas na tentativa de fechamento de caminhos de “servidão”, e também das mulheres que possuíam e repassaram a suas descendentes o conhecimento sobre as ervas medicinais que hoje nutrem em seus pequenos quintais após os conflitos fundiários. Entre os escombros de alicerces de casas, que as raízes tentam encobrir, que ligam os caminhos da atual rodovia até a praia há árvores frutíferas como jabuticaba, limão, pés de jaqueira, laranja crava, bananeiras, goiabas, jambo, condessa, fruta pão que se alastraram entre o que os biólogos classificam como restinga e a mata atlântica. Encontro a agroecologia na resistência, em nossos quintais tão antigos quanto nossa presença no território, dos saberes trocados em cada muda que damos e recebemos em nossas histórias partilhadas. As hortas e quintais tem o um papel político de ferramenta de luta e auto afirmação da nossa identidade, são sinais da presença dos que vieram antes de nós, as plantas contam histórias, carregando princípios norteadores de como desenvolvemos um trabalho neste espaço.

A manutenção das hortas e plantações na praia de São Gonçalo que se tornaram espaço de uso utilizadas também na apresentação de visitas pedagógicas de Turismo de Base Comunitário com escolas das redes públicas municipais, Universidades Federais, Estaduais e Universidades Privadas, surgiu a partir de um conhecimento que vem das memórias partilhadas por ancestrais maternas e que é praticado em um processo de retomada do espaço da praia por tradicionais remanescentes que tiveram seu modo de vida alterado. Como a minha família, que reforça sua presença a partir da realização e manutenção de práticas locais. Utilizamos matérias orgânicas como folhas e galhos que são trazidas pela corrente do rio São Gonçalo e desembocam na praia, se acumulando na areia estes são utilizados como suporte para as estruturas das hortas e quintais. Nós cultivamos e cuidamos dos espaços que se misturam à areia da praia a matéria orgânica da praia, como folhas, galhos e cultivamos nossas bananas, mandiocas, mamoeiros, ervas cidreiras, ora-pró-nobis, nossas flores e citronela que se integram a plantações de antigos moradores e da natureza ao ter a palmeira juçara, árvores de aroeira, pitangueira. As colheitas feitas em nossos quintais são escoadas para nossos Ranchos que funcionam como restaurantes e espaços de partilha que integram a



rota de visitas do Turismo de Base Comunitário, o Rancho Ayres e o Rancho Tânia.

## **Desafios**

Diante da realidade local, existem limitações enfrentadas pelas comunidades tradicionais em acessar direitos e condições materiais de realizar suas práticas tradicionais, além dos desafios de questões ligadas ao acesso à terra e aos conflitos fundiários que perduram e remodelam-se desde a década de 70. Paraty é uma cidade que está se tornando uma das grandes referências de turismo no país e foi titulada em 2019 como cidade Patrimônio Mundial na categoria Sítio Misto pela Cultura e Biodiversidade pela UNESCO. Avanços coletivos como a retomada de espaços e a criação do projeto Vila Caiçara de São Gonçalo e São Gonçalinho são conquistas coletivas na reafirmação da nossa presença no território.

O projeto Vila Caiçara é uma proposta de retomada de áreas que pertenceram à comunitários e que hoje, por suas características, são áreas de domínio da União, áreas próximas a praia e ao mar, que foram reivindicadas e anexados como parte da área da Fazenda São Gonçalo Empreendimentos Imobiliários e Urbanístico Ltda. As disputas perduram no judiciário com processos que duram cerca de duas décadas sem uma resposta definitiva. Dentre os diversos desafios houveram tentativas de impedimento de acesso à praia com o fechamento de caminhos centenários com cercas pela mesma empresa, Fazenda São Gonçalo Empreendimentos Imobiliários e Urbanístico Ltda., em 2009, que foi impedida de barrar o acesso após provocação comunitária e intercessão do poder executivo municipal.

## **Principais resultados alcançados**

A partir de dimensões sociais enxergamos a manutenção de práticas de cultivo de maneira agroecológica como tendo um importante papel no fortalecimento da conexão dos membros da minha família com o território, nos reavivando da memória coletiva ao pensarmos sobre a produção de alimento a partir de uma perspectiva local sobre como eram realizados antes e como são atualmente, nos despertou lembranças de processos de violência que foram adormecidos e são ressignificados a partir de processo coletivo. O projeto da Vila Caiçara conta com a presença de 17 ranchos na praia de São Gonçalo e São Gonçalinho com intenções de ampliação de espaços coletivos de formação, como a Escola do Mar, em referência modelos construídos em outras comunidades tradicionais caiçaras, espaço de fortalecimento e formação comunitária. Temos acesso a pequenas áreas de terras, conseguimos com pouco espaço de terra mostrar às pessoas a diversidade de plantas que podem coabitar os espaços, mostrar a diversidade em nossa culinária e nossa cultura.

## **Disseminação da experiência**

A disseminação da experiência perpassa a construção do turismo de base comunitária e pedagógica em nossos Ranchos. O turismo representa uma considerável parcela da economia da cidade e entendemos a organização do turismo local a partir do turismo de base comunitária como uma ferramenta de



disseminação de nossas práticas e de disputa de narrativa, a partir das vivências e histórias que temos no local conseguimos mostrar aos visitantes novas perspectivas sobre o território.

Encontros de formação e eventos são espaços de disseminação das experiências realizadas por todos nós, no Rancho Ayres e no Rancho Tânia. Enxergar o território além do palpável na construção da paisagem carrega o potencial de transformação, termos conseguido enxergar o caminho que leva até a praia sem o distanciamento que as pessoas consideram como alheios a si mesmo, a natureza, é transformador para como nos enxergamos como pessoas que carregam histórias.